

Como não se deve escrever
para crianças

n.º 761 Mar de 1966
19-nov-66

OS ABENÇOADOS

1232

RUBEM BRAGA

Convidam-me para escrever uma historia para crianças, e não tenho coragem. Na verdade já tentei há muito tempo, e não deu certo. Tive apenas a felicidade de não publicar o que então escrevi: seria mais um desses livros sem alma e sem graça com que tantos escritores iludidos tentaram, a certa altura, conquistar crianças.

Nada mais triste do que esses livros. Alguns dão essa impressão penosa de uma cena vulgar no seio das familias: um estranho qualquer, sem jeito e sem simpatia, aborrecendo uma criança que tenta cativar. O sujeito imita voz de criança e de bicho, faz gracinhas e magicas — e a criança não gosta.

Acontece então, às vezes, que chega outro sujeito e apenas diz à criança: "vem cá" — e logo o menino grimpa seus joelhos e começa a inventar brincadeiras, mexendo com seu nariz ou com suas orelhas, rindo a qualquer palavra à toa que o homem diga. E se ele conta alguma historia em tom serio a criança fica de olhos espantados, completamente presa às suas palavras.

Eu sou, ainda que discreto, do primeiro tipo. Consolo-me com outros ainda piores e mais esforçados. Tristes experiencias me ensinaram a ser reservado com as crianças e não tentar agradá-las. Tenho tido muitas vezes a impressão penosa de que elas vêem em mim o que há de falso e de ruim; não lhes sei mostrar o que possa ter de mais sincero e bom.

Há pouco tempo um menino de 11 anos, muito desorientado em suas leituras, pôs-se a ler uma historia minha. Não era escrita para crianças, mas o menino achou ótima, pois contava a historia de um passarinho que fugiu das mãos do homem que queria vendê-lo na rua e se escondeu em baixo de um automovel. O garoto divertiu-se muito com as peripecias da caça ao passarinho, em que tomaram parte varios transeuntes. De certa altura em diante, porem, eu deixo de falar com o passarinho e a historia toma outros rumos. A critica do menino foi esta: "ele escreve bem, mas é chato porque não tem paciencia e muda de assunto no meio da historia".

O que me intrigou nessa critica foi o fato de haver ele gostado do começo da historia, em que eu falava do passarinho. Escrevera aquilo sem supor que pudesse ser lido por uma criança. Fui reler e verifiquei que, se eu pensasse em escrever para crianças, teria escrito de maneira muito diferente. E é quase certo que então não agradaria ao meu leitor infantil. Ele gostou daquilo como toda criança gosta de ouvir uma conversa entre pessoas grandes, pelo menos em sua idade. Pode ser que não tenha entendido, ou tenha interpretado de maneira diferente, uma ou outra coisa — mas isso talvez tenha aumentado para ele o encanto da historia.

Esta e outras pequenas experiencias parecem, todavia, não ensinar nada. Escrever para crianças, como fazia um Monteiro Lobato, exige, com certeza, muita coisa que escapa dos limites da tecnica literaria. E' preciso talvez ser um espirito abençoado por uma certa graça pura e viva que raros recebem — e que as crianças reconhecem à primeira vista, como reconhecem um amigo naquele sujeito desconhecido que entra na sala e diz simplesmente: "vem cá".

em mim /

8.5.49

navignado

M 761